

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

A implementação da Aldeia Global de McLuhan no século XXI: a Educomunicação como ambiente sustentável de aprendizagem¹

Ana Claudia Silva LIMA.²

Filomena Maria Avelina BOMFIM.³

Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, MG

Resumo

O presente artigo é um produto vinculado à uma pesquisa do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), que constitui um mestrado acadêmico interdisciplinar, da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). A pesquisa em questão tem como objetivo compreender de que maneira a Educomunicação e seu caráter interdisciplinar (que dialoga e se funde nas Artes, Urbanidades e Sustentabilidade) contribui para a implementação da Aldeia Global na contemporaneidade; seu objeto de pesquisa engloba as práticas educacionais desenvolvidas no município de São João del Rei.

Palavras chave: Educomunicação. Aldeia Global. Novas Tecnologias. Marshall McLuhan

Relevância do tema

Já em meados da década de 60 no Canadá, o teórico Marshall McLuhan alertava para a confluência entre os meios de comunicação e a vida em sociedade. Suas teorias e aforismos são vistos por muitos como presságios da era eletrônica, sendo impressionantemente atuais.

Em uma de suas teorias o canadense afirmava, que os meios de comunicação determinavam a natureza/conteúdo da mensagem a ser transmitida; trazendo para a atualidade, isso quer dizer que o conteúdo transmitido se adéqua aos limites

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Mestranda do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), email: anacsl2009@hotmail.com.

³ Orientadora do projeto. Professora do curso de Jornalismo e do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), email: myosha@hotmail.com

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

físicos/características das mídias utilizadas no processo comunicacional. Adicionalmente, as contingências culturais desses meios também passam a fazer parte do conteúdo da mensagem, atribuindo-lhes significados que variam de contexto para contexto, a depender das especificidades da cultura local.

McLuhan também acreditava que os meios de comunicação teriam a capacidade de modificar as relações humanas, de tal modo, que recuperariam a experiência de tribalização vivida pela humanidade. Ou seja, devido à capacidade dos meios de comunicação de metaforicamente reduzir distâncias geográficas e culturais, eles poderiam promover a vivência de retribalização dos homens. Isto porque os meios, a partir das novas mídias e das redes sociais, propiciam o compartilhamento de tudo o que acontece; assim os fatos podem ser acompanhados e vistos por todos que navegam em uma rede, aproximando-se ainda mais das organizações tribais, onde todos sabem de tudo o que acontece.

As análises de McLuhan acerca dos meios de comunicação foram elaboradas entre as décadas de 50 e 80, mas são consideradas por muitos estudiosos como sobremaneira atuais, principalmente com o surgimento das chamadas novas mídias e das redes sociais. Assim sendo, o fenômeno da “onipresença” possibilitada pelos meios de comunicação, bem como a utilização das redes sociais, são realidades universalizadas.

É justamente devido à essa popularização dos meios de comunicação que o estudo crítico das mídias se mostra um fenômeno de significativa importância. No entanto, a análise das produções midiáticas ainda são restritas aos comunicólogos, dificultando ao público em geral a possibilidade de formular uma opinião própria e com menor grau de interferência dos conglomerados comunicacionais. Neste contexto, a Educomunicação surge como uma oportunidade para essa formação de indivíduos críticos - através do amadurecimento do aparato crítico-apreciativo das audiências - que possibilita a análise, apreciação e avaliação das práticas comunicativas contemporâneas.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

A Educomunicação, que em seu sentido lógico, pode significar, educar para comunicação, traz em seu conceito a proposta de romper com a formalidade e rigidez da educação da escola tradicional. As práticas educomunicativas constituem em um fenômeno que coloca em prática uma pedagogia que estuda as produções midiáticas, através dos meios de comunicação, incorporando por vezes, as novas mídias e as redes sociais. Adicionalmente, acredita-se que as mídias alternativas precisam de ser consideradas, manifestando um processo sustentável de reconhecimento das especificidades culturais inerentes a cada ambiente em que estejam inseridas. Na verdade, essa atenção especial com as mídias alternativas consagram o compromisso com a sustentabilidade cultural.

Por outro lado, pensando na sustentabilidade em seu sentido básico, o de possuir a capacidade de manter ou de sustentar processos sociais, sem colocar em risco os ecossistemas em ato em um dado ambiente, ou causando-lhes o mínimo impacto negativo possível, podemos compreender a Educomunicação como uma metodologia sustentável de aprendizagem. Isso pode ocorrer quando, através das práticas educomunicativas, espera-se motivar o público envolvido na valorização das práticas comunicativas existentes em seu ambiente de origem e/ou na construção de meios de comunicação alternativos, adequados ao contexto regional em que serão utilizados, considerando a cultura e a identidade locais.

Partindo dessa concepção, as práticas educomunicativas propõe dinâmicas e ferramentas que promovam a manutenção, divulgação e preservação da identidade regional, sem interferir negativamente na conservação da ordem ambiental, uma vez que se adéqua à esfera em que está inserida, de modo a preservar e respeitar a manutenção da cultura regional.

Por apresentar estas características, a Educomunicação estabelece uma relação de interferência mútua com a Aldeia Global ao preservar e valorizar as identidades e

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

práticas que reforcem o fenômeno da tribalização. Pode ser compreendida, portanto, como uma concepção que possui a questão da sustentabilidade inserida em seu conceito e em sua prática, tendo como objetivo norteador a valorização de identidades e a capacidade de adaptação às realidades locais. Por isso, as práticas educomunicativas constituem um conjunto sustentável de estratégias de aprendizagem, que podem formar e fortalecer o caráter crítico-apreciativo de indivíduos de um modo geral.

Bases para um mundo sustentável

Considerado por muitos como a questão do nosso tempo, o desenvolvimento sustentável vem sendo tema recorrente em encontros que debatem a crise e a situação do meio ambiente desde a década de 90. No ano de 1992 realizou-se no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, evento que assinalou o marco inicial das grandes convenções e encontros globais sobre o meio ambiente e a sustentabilidade.

A preocupação efetiva em debater e compreender as relações e implicações do meio ambiente com a economia e a política em um âmbito global, possui suas raízes ainda que modestas, na década de 60, com a formação do chamado Clube de Roma, fundado em abril de 1968. Tendo como membros, personalidades de várias áreas e de países diversos o clube ganhou notoriedade em 1972, com a publicação do relatório intitulado "*The Limits to Growth*" (Os limites do crescimento). Esse documento tratava de problemas cruciais para o futuro desenvolvimento da humanidade, tendo merecido destacada receptividade do público "não especializado", razão pela qual tornou-se, um dos livros sobre meio ambiente mais vendidos da história até aquele momento.

Em 1972, a Organização das Nações Unidas organizou a Conferência do Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia, onde foi elaborada a Declaração sobre Ambiente Humano, ou Declaração de Estocolmo, documento que

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

estabeleceu princípios para questões ambientais internacionais com um viés mais abrangente; adicionalmente também foi criada a Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento (WCED).

No ano de 1979 foram realizadas duas importantes convenções sobre meio ambiente na parte norte do globo: a Convenção de Berna que contou com países europeus e a Convenção sobre a Poluição Atmosférica Transfronteiriça a Longa Distância, que teve como participantes países da Europa, além dos Estados Unidos e do Canadá.

Na década de oitenta houve um amadurecimento das questões ambientais, sendo organizados dois importantes protocolos vinculados à preocupação com a poluição e os danos à atmosfera: o Protocolo de Helsinque sobre Qualidade do Ar em 1983 e o protocolo de Montreal sobre substâncias destruidoras da camada de ozônio no ano de 1987. No mesmo ano a ONU publicou também o Relatório Brundtland, documento conhecido como “Nosso futuro Comum”⁴, que alertava todo o mundo sobre a necessidade iminente de um desenvolvimento econômico sustentável⁵, um fato muito importante, já que até então, o tema sustentabilidade não tinha sido debatido com a complexidade que o contexto exigia.

Dessa forma, o desenvolvimento sustentável entrou de fato no circuito de grandes eventos e conferências a partir da década de 90, tendo sido a Eco-92 o marco inicial para essa mudança de percepção. Sua importância histórica deve-se ao fato de que a Eco-92 propôs uma série de diferentes iniciativas efetivas para promover a aceitação do desenvolvimento sustentável em nível global, demonstrando sua urgência, por meio do documento que ficou conhecido como Agenda 21.

Apesar do impacto e da importância que a publicação da Agenda 21 teve no cenário mundial, ao consagrar a temática do desenvolvimento sustentável, as concepções intrínsecas neste documento ainda estavam em sua gênese, uma vez que, conceitos

⁴ Cf. WCED (World Commission on Environment and Development), 1987.

⁵ periodicos.ufpb.br > Capa > v. 1, n. 1 (2010) > Siqueira.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

fundamentais para a compreensão do complexo de sustentabilidade como a cultura e a arte não tinham sido abordadas, como analisa Siqueira (2010).

Assim sendo, a Eco-92 abriu possibilidades e experiências reais para encontros mundiais que realizaram análises e discussões acerca do complexo sustentável, a fim de estabelecer um consenso que abrangesse as necessidades e implicações para implementar o desenvolvimento sustentável, tais como as Conferências da Organização das Nações Unidas realizadas em Estocolmo (1972), Tbilisi (1977), Thessaloniki (1997) e Johannesburgo (2002).

A educação ambiental e culturas de sustentabilidade

Em seu livro *A complexidade ambiental*, Enrique Leff defende a concepção de que a crise ambiental que constitui atualmente uma das maiores problemáticas da atualidade deve ser compreendida em uma visão amplificada, que abrange um dilema moral e ético. Assim, o indivíduo, por não se sentir pertencente ao mundo, provoca um consequente movimento que repele o ser de sua própria essência. Ele atenta para o fato que a crise ambiental também ressignifica a nossa história, no momento em que reorienta seu conceito de limite iminente em que a crise se encontra, seja este limite, do crescimento econômico e populacional, da pobreza e da desigualdade social ou dos equilíbrios ecológicos e da sustentação da vida.

Segundo Leff, a crise ambiental, não é crise ecológica, mas a crise da razão; em consequência os problemas ambientais são fundamentalmente, problemas do conhecimento. Partindo desses princípios, ele diz que a educação ambiental é um processo no qual todos nós somos aprendizes e professores e que toda aprendizagem é uma reapropriação subjetiva do conhecimento. Para ele, aprender a aprender a complexidade ambiental é a inscrição do ser em um devir complexo, em que, rompendo

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

com o entendimento platônico do ser como ente, o ser deve possuir um viés que seja, pense e atue no mundo.

Baseando-se nesse pressuposto, e, a fim de obter uma aproximação da resolução da crise ambiental, o cientista social alemão Davide Brocchi defende a necessidade urgente de uma ruptura com a monocultura dominante da globalização para a compreensão das culturas de sustentabilidade, uma vez que, para ele a cultura deve ser entendida como um processo semiótico que deve ser analisado a partir de suas complexidades.

Brocchi afirma que a base fundamental para a perpetuação de qualquer cultura, é que ela seja comunicada, ou seja, cada cultura necessita do que ele chama de uma mídia cultural. Ele atenta para a importância da concepção de Marshall McLuhan de que “o meio é a mensagem”, uma vez que em sua compreensão acerca das teorias mcLuhanianas, o meio em si é fonte e produto de valores culturais. Brocchi afirma:

Herbert Marshall McLuhan wrote once, that also “the medium is the message“. What does it mean? The medium itself is font and product of cultural values. Between cultural contents and cultural media there is a closed interaction. For example a culture based on a face to face – communication (in a small clan) is different than a culture based on TV and internet, which show the nature or the society more as “virtual reality“. A top-down Sustainability is different from a bottom-up one. (BROCCHI, 2008, p.27)

Essa afirmação do cientista alemão parte da premissa que McLuhan defende, em sua obra *Os meios de comunicação como extensões do homem*, lançado em 1964, de que o “meio é a mensagem”, uma vez que segundo ele é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas.

O teórico canadense afirma que o conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo e a mensagem de qualquer meio é a mudança de padrão que este meio introduz na cultura. Para chegar a essa conclusão, McLuhan analisou a passagem do modelo de comunicação linear da era tipográfica, (fundada com a invenção de

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Gutenberg) para a era eletrônica (dominada pelo rádio e a televisão). A partir dessa análise, percebeu que a tecnologia cria uma ambiência por onde o homem transita; por essa relação, os meios tornam-se extensões do homem como se fossem prolongamentos do corpo e dos sentidos que condicionam mudanças em nosso comportamento. Desse modo, ele concluiu que o meio, o canal e a tecnologia por meio dos quais a comunicação se estabelece, não apenas determinam a forma comunicativa, mas também afetam o próprio conteúdo da comunicação.

Em sua ideia central, McLuhan diz que no decorrer do uso normal da tecnologia do corpo do homem, em sua extensão diversa, o indivíduo é constantemente modificado por ela e em contrapartida também a transforma. Conseqüentemente, os meios de comunicação como extensões dos sentidos dos homens, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida que se inter-relacionam. Esta concepção é corroborada por Brocchi, já que de acordo com o pensador alemão, o primeiro meio cultural é o próprio povo, que transporta valores e estilos de vida, seguidos pelas instituições sociais, responsáveis pela socialização e pelos meios de comunicação como um todo.

A partir do pensamento de Brocchi, e aprofundando na obra de McLuhan, percebemos que o canadense, defende a concepção de que os meios, são agentes “produtores de acontecimentos” e não agentes “produtores de consciência”. Ele afirmava (MCLUHAN, 1968, p. 17-18) que “a quantidade pura e simples de informações transmitidas pela imprensa, revistas, filmes, rádio e televisão excede, de longe, a quantidade de informações transmitidas pela instrução e pelos textos escolares”.

Educação socioambiental

No ano de 2005 foi implementado no Brasil o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA que teve, como um de seus objetivos, “promover campanhas de

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Educação Ambiental nos meios de comunicação de massa, de forma a torná-los colaboradores ativos e permanentes na disseminação de informações e práticas educativas sobre o meio ambiente”. Essa estratégia de alguma forma concretiza as ideias de McLuhan na realidade brasileira, manifestando uma concepção próxima das práticas educomunicativas.

Similarmente e em atendimento à lei 9795/99, da Política Nacional de Educação Ambiental, o ProNEA adotou como uma das linhas de ação a Educomunicação, que “tem como objetivo proporcionar meios interativos e democráticos para que a sociedade possa produzir conteúdos e disseminar conhecimentos, através da comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade.”⁶

No texto base para as ações de Educomunicação Socioambiental registrado no site do Ministério do Meio Ambiente, a importância da educomunicação para compreender e analisar o conceito de sustentabilidade é corroborada pela afirmação de que a educomunicação se constrói no diálogo e na participação democrática seguindo sua natureza sustentável.

A partir dessas concepções, é possível afirmar que a Educomunicação é um suporte firme e assertivo para a aplicabilidade real e prática da Educação Ambiental, que respeite deste modo, as culturas de sustentabilidade. Além disso, a própria prática educomunicativa está inserida e atende aos critérios da concepção de sustentabilidade, uma vez que elas possibilitam a valorização das práticas comunicativas existentes e/ou construção de meios de comunicação alternativos, adequados ao contexto regional em que serão utilizados, considerando a cultura e a identidade locais.

Portanto, as práticas educomunicativas se configuram como uma atitude de resiliência frente a onipresença das mídias e das novas tecnologias, uma vez que, a partir do embate direto com elas, a Educomunicação se apropria de seus meios e, por meio de

⁶ <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educomunicacao>

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

uma análise crítico-apreciativa, torna-se capaz de empoderar os cidadãos, a fim de propiciar a formação de indivíduos atuantes e conscientes da realidade local e global.

Referencial teórico

O conceito de Educomunicação surgiu de contribuições teóricas e práticas de estudiosos da comunicação tais como Jesús Martín-Barbero, Mario Kaplún, aliados a educadores, notadamente Paulo Freire e Célestin Freinet.

No Brasil, o professor Ismar de Oliveira vem se destacando em seus estudos sobre a Educomunicação, que, segundo ele, consiste basicamente em uma “forma de conhecer e compartilhar o conhecimento usando estratégias e produtos de comunicação” (Rede CEP, 2010, p. 11).

É importante ressaltar que a concepção de comunicação, vem sendo debatida e reformulada por críticos há alguns anos. Segundo Kaplún (1983), a definição de comunicação, cujo modelo pressupõe uma estrutura impositiva e autoritária, não mais se aplica; ele explica (KAPLÚN, 1983, p.8) que “ así se ha ido consagrando una nueva concepción de comunicación dentro de toda la corriente crítica de América Latina, que insiste en definir la comunicación a partir del intercâmbio, a partir del diálogo”.

Essa concepção de troca mútua na comunicação foi percebida e atrelada à educação por teóricos como Paulo Freire, que em seus estudos buscou potencializar o aprendizado, através do aprimoramento do caráter crítico-apreciativo dos cidadãos. Para ele, “o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1978, p. 39).

A mudança dos paradigmas acerca da comunicação, analisada e defendida pela corrente crítica da América Latina, é ratificada pela concepção dos ecossistemas comunicativos

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

que, segundo o teórico colombiano Martín-Barbero, “estão se convertendo em algo tão vital como o ecossistema verde, ambiental” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54).

A noção dos ecossistemas comunicativos se funde com a explicação científica de que um ecossistema se refere a um conjunto dos seres vivos, ao ambiente em que vivem e todas as interações entre esses organismos e o meio entre si. Ou seja, a ideia dos ecossistemas comunicativos nos pressupõe a possibilidade de que o “saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito e longe das figuras sociais que o administravam.” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54-55).

De acordo com Martín-Barbero a informação descentralizada facilita o acesso ao conhecimento por meio da utilização criativa e contextualizada dos meios de comunicação (utilizados como recursos didáticos) em sala de aula. Dessa maneira, tanto as mídias alternativas quanto as novas tecnologias podem atuar como grandes aliadas nesse processo. Justamente por este aspecto, a educomunicação pode ser compreendida como um ato de resiliência e conseqüentemente como uma estratégia sustentável, no que diz respeito aos métodos de ensino-aprendizagem.

O termo resiliência é usado na ecologia, referindo-se aos limites da capacidade de um sistema para ser perturbado; uma vez que os limites são atingidos, o sistema entra em colapso ou encontra um novo estado de equilíbrio (Walker et al., 2006, citado em Haley [10, p. 204]). No dicionário de língua portuguesa, o termo é definido como “a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica. [...] Resistência ao choque”. (FERREIRA, 1999, p. 1751). Para o teórico alemão Sasha Kagan a resiliência consiste em uma das palavras chaves para a compreensão e sustentação das culturas de sustentabilidade nos dias de hoje. De acordo com ele (2008), a “sustentabilidade emerge como uma nova fronteira para os pesquisadores das culturas contemporâneas”.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

A concepção de sustentabilidade, aqui defendida, dialoga com a característica de transdisciplinaridade proposta para a terminologia da palavra, ou seja, segundo Siqueira:

Como se sabe o termo “sustentabilidade” expressa a conexão intrínseca entre justiça social, paz, democracia, autodeterminação e qualidade de vida e, para poder atingir estes objetivos, é necessário uma estratégia cultural baseada no pressuposto de que media, artes, educação, comunicação, organização e também as emoções desempenham papel decisivo nesse processo de mudança(...). (SIQUEIRA, 2010, p.98.)

De acordo com Jacobi (2007), a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável passa pela problematização das práticas educativas, que, segundo ele, “nos apontam para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento e atitudes, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos” (Jacobi, 2007, p.57). A preocupação de Jacobi com as metodologias educativas o leva a propor a existência da *educação para a cidadania*:

O principal eixo de atuação deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas. Entende-se que a educação para a cidadania trata não só da capacidade de o indivíduo exercer os seus direitos nas escolhas e nas decisões políticas, como ainda de assegurar a sua total dignidade nas estruturas sociais. Desse modo, o exercício da cidadania implica autonomia e liberdade responsável, participação na esfera política democrática e na vida social. (JACOBI, 2007, p. 58)

Essa alternativa apresentada por Jacobi dialoga perfeitamente com as propostas conceituais da Educomunicação, no que diz respeito ao diálogo e ao intercâmbio de conhecimentos, com o intuito de fortalecer e (trans)formar cidadãos capazes de apreciar criticamente as informações que lhe são oferecidas, através dos meios de comunicação, apropriando-se desses meios.

A premissa básica da educomunicação é, dessa forma, compreender a inundação midiática na contemporaneidade e se apropriar disso, ou seja, a educomunicação se

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

configura em “ciência e arte que estuda e coloca em prática uma pedagogia que compreende a inundação midiática no cotidiano, ao invés de remar contra essa maré (proibindo o uso de celulares dentro da sala de aula, por exemplo).” (FORTUNATO, Ivan; FORTUNATO NETO, José., 2010, p.87).

Deste modo, a resiliência proposta pela Educomunicação, não só se mostra uma estratégia sustentável no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, como também demonstra sua importância ao exercer um vínculo de interação mútua com o que chamamos de Aldeia Global. Tal conceito defendido por Marshall McLuhan, com base nas teorias do teólogo jesuíta francês Teilhard De Chardin, é tido pelos estudiosos como uma análise extremamente atual, tendo como parâmetro a realidade da pós-modernidade. De acordo com McLuhan (1962), as novas tecnologias transformariam o mundo em uma aldeia, onde a interação seria constante e a tribalização se daria por meio de interesses em comum.

Essa situação [a de uma sociedade oral onde a interdependência resulta da interação necessária às causas e aos efeitos na totalidade da estrutura] é típica de uma aldeia e, desde o advento dos meios eletrônicos de comunicação da aldeia global. Também é o mundo da publicidade e das relações públicas que é o mais consciente dessa nova e fundamental dimensão que é a interdependência global (McLuhan, 1962, p. 38).

McLuhan era defensor do rompimento com a Escola Tradicional e foi um dos pioneiros na defesa de estratégias lúdicas na educação. Em seu artigo *L’avenir de l’éducation: la génération de 1989*, McLuhan (1969) sustenta a ideia de que a escola deve fazer uso apropriado dos meios de comunicação, a fim de transpor os muros que distanciam a escola das problemáticas reais e atuais apresentados aos estudantes através dos *media*, de forma a promover um diálogo com a vida cotidiana.

Ao analisar as transformações e a influência dos meios de comunicação na sociedade e as interrelações entre a comunicação e a educação, McLuhan (1971) nos convida a

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

compreender, que atualmente a educação tradicional não é o único referencial pedagógico ou espaço de aprendizagem mais eficaz. Segundo ele: “as cidades são uma sala de aula (...) onde os anúncios são os mestres; as salas de aula [tradicionais] tornaram-se obsoleta casa de reclusão, uma masmorra feudal” (McLuhan, 1971, p. 246).

Considerações finais

A influência dos meios de comunicação são uma realidade indiscutível na atualidade e foco de críticas e análises de estudiosos. Este fenômeno reforça as teorias de Marshall McLuhan acerca da Aldeia Global, um cenário no qual as mídias e as novas tecnologias desempenhariam um papel de interação e abrangência nunca vistos anteriormente.

A Educomunicação surge nesse contexto como uma estratégia de resiliência frente às imposições midiáticas, a fim de consolidar um aparato crítico-apreciativo nos cidadãos, a fim de que estes promovam as mudanças e adaptações necessárias para o ambiente em que estão inseridos. Ao demonstrar a relação de contribuição mútua entre a Educação e a Comunicação, a Educomunicação provoca uma mudança de paradigmas, uma vez que os meios de comunicação passam a ser vistos como aliados no processo ensino-aprendizagem.

Assim sendo, o desenvolvimento sustentável proposto pelas práticas educacionais atinge as áreas da Comunicação e da Educação, ao mesmo tempo em que promove o distanciamento da escola tradicional e de seus métodos de aprendizagem arcaicos.

Tendo em vista a urgência de temáticas como a sustentabilidade e alternativas de substituição da escola tradicional, a Educomunicação se sobressai como uma proposta concreta e eficaz para suprir as necessidades do processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que incentiva e auxilia o desenvolvimento sustentável tanto na educação quanto na comunicação.

Referências bibliográficas:

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

- BROCCHI, Davide. **The Cultural Dimension of Sustainability**. In S. Kagan & V. Kirchberg (eds.), *Sustainability: A new frontier for the arts and cultures*. Frankfurt am Main: Verlag für Akademische Schriften, p. 26-58, março de 2008.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FORTUNATO, Ivan e NETO, José F. **Sustentabilidade e meio ambiente sob a ótica da educomunicação ambiental**. São Paulo: Revista da FA7, nº 8, vol. 1 / janeiro-julho de 2010
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HALEY, D. **The Limits of Sustainability: the art of ecology**. In: S. Kagan & V. Kirchberg (eds.), *Sustainability: A new frontier for the arts and cultures*. Frankfurt am Main: Verlag für Akademische Schriften, p. 194-208.
- JACOBI, Pedro R. **Educar na sociedade de riscos: o desafio de construir alternativas**. São Paulo: Pesquisa em Educação Ambiental, v.2, n.2, p. 49-65, 2007.
- KAGAN; Sacha e KIRCHBERG; Volker. **Sustainability as a new frontier for the arts and cultures**. Frankfurt am Main: Verlag für Akademische Schriften, 2008.
- KAPLÚN, Mario. In: **Hacia una comunicacion participativa: Entrevista a Mario Kaplun**. Equador: Asociación Latinoamericana de Educación Radiofónica (ALER). Edição 1 de Serie Testimonios. 1983.
- LEFF, Enrique. **Pensar a complexidade Ambiental**. In: _____ (org.). *A Complexidade Ambiental*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. (trad. Anísio Teixeira e Leônidas Gontijo de Carvalho). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- _____. **Mutations** 1990. Paris: Mame, 1969.
- _____. MCLUHAN, Herbert Marshall. **A revolução na comunicação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Retos culturales de la comunicación a la educación: elementos para una reflexión que está por comenzar**. Revista Reflexiones Académicas. N 12 p.45-57, Santiago: Universidad Diego Portales, 2000.
- SIQUEIRA, Adilson R. **Arte e Sustentabilidade: argumentos para a pesquisa ecopoética da cena**. João Pessoa: Revista Moringa, Vol. 1, n. 1, 87-99, janeiro de 2010.
- SOARES, Ismar. **Educomunicação: um campo de mediações**. São Paulo: Revista Comunicação & Educação. n. 19. Segmento/ECA/USP, 2000.
- _____. **Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. [eletrônico] Disponível em:
<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>, acesso em 24 de novembro de 2016, sem data.